

# Recartografaco de Atlas Linguísticos da Regio Sul do Brasil: ALERS e ALPR.

Valter Pereira **ROMANO\***  
Daniel Abud Marques **ROBBIN\*\***

\* Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (2015). Professor Doutor Adjunto II\_UFSC. [valter.pereira.romano@gmail.com](mailto:valter.pereira.romano@gmail.com).

\*\* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2022). Professor efetivo da rede municipal de Balneário Camboriú/SC. [danielabudmr@gmail.com](mailto:danielabudmr@gmail.com)

## Resumo:

Este trabalho apresenta dois estudos recentes que se pautaram em *corpora* geolinguísticos de três atlas linguísticos brasileiros: O Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Regio Sul do Brasil (ALERS) e o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O objetivo é evidenciar as possíveis contribuies de uma ferramenta de cartografia linguística – o Software para Gerao e Visualizao de Cartas Linguística (SGVCLin) - como uma soluo possível para recartografaco de cartas linguísticas de atlas publicados (ALERS e ALPR) e cartografia experimental de dados inéditos (ALiB e ALPR II). A partir dos trabalhos de Robbin (2002) e Altino (2022), o estudo traz a descrio e análise parcial de dados sobre variao lexical no ALERS e de uma variável fonético-fonológica nos dados do ALPR e ALiB. Como contribuio, o trabalho aponta direcionamentos sobre a importncia de ferramentas tecnológicas para representao de dados geolinguísticos nos mapas e os avanos que a Geolinguística brasileira tem alcanado do ponto de vista da representao cartográfica.

## Palavras-chave:

SGVCLin. Cartografia linguística. Atlas linguístico. Regio Sul.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v.26, n.3, p.31-45, dezembro. 2023*

*Recebido em: 02/10/23*

*Aceito em: 04/03/24*

# Recartografiação de Atlas Linguísticos da Região Sul do Brasil: ALERS e ALPR

Valter Pereira Romano  
Daniel Abud Marques Robbin

## INTRODUÇÃO

A Geolinguística no Brasil encontra-se em franco desenvolvimento graças ao grande empreendimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que tem contribuído para o avanço da área, seja sob o ponto de vista do território já mapeado, com os atlas linguísticos estaduais e de pequeno domínio (Romano, 2020), seja com avanços metodológicos no que tange à preparação da pesquisa, à coleta de dados e ao tratamento de dados representados nos mapas linguísticos<sup>1</sup>.

O Projeto ALiB, por meio do incentivo dos seus 11 diretores científicos distribuídos em diferentes Unidades Federativas, tem contribuído com a formação de dialetólogos brasileiros a partir de grupos de pesquisas de diferentes universidades. Os avanços na área têm sido resultado das reflexões dos grupos alçando a Geolinguística como uma área de entremeios, entre a Linguística, a Geografia (física e humana) e as Ciências da Computação.

Não é à toa que os pesquisadores, linguistas por formação, têm se preocupado com princípios da Cartografia Temática (CT) e a estruturação de Banco de Dados (BD) para tratamento do material linguístico coletado na pesquisa de campo realizada diretamente pelo pesquisador com sólida metodologia. Dessa forma, sem os recursos da informática, a elaboração dos atlas torna-se inviável, considerando o grande rol de dados coletados, seguindo-se tendência atual dos estudos: a metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional, Contatual e Relacional (Thun, 1998).

Nesse sentido, Lameli (2010) chama atenção ao mencionar que “A resurgence in international atlas projects over recent decades has led to a strong (and continuing) interest in cartographic methodology. Above all, the computational handling of maps and atlases needs to be seen as a current focus of attention” (Lameli, 2010, p. 567)<sup>2</sup>

É consenso, portanto, que o uso de ferramentas computacionais agiliza o processo de construção dos atlas e, no cenário nacional, foi a equipe do bem sucedido Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) que foi o pioneiro nessa seara.

Vieira (1998), por exemplo, já insistira sobre a importância de implementar bancos de dados geolinguísticos, principalmente para projetos interinstitucionais e coletivos e foi o sistema desenvolvido por Vieira (1998) e a equipe do ALERS, o SPDGL (Sistema de Processamento de Dados Geolinguísticos) que permitiu a publicação de 521 cartas linguísticas do atlas, sendo 54 cartas fonéticas, 93 cartas morfossintáticas (Koch; Altenhofen; Klassmann, 2011) e 374 cartas semântico-lexicais (Altenhofen; Klassmann, 2011), constituindo dois robustos volumes que

<sup>1</sup> Neste texto, cartas linguísticas, mapas linguísticos e cartogramas são tomados como sinônimos, embora se reconheça distinções entre os termos em se tratando de cartografia temática. Por tradição, entre os geolinguistas brasileiros convencionou-se utilizar a expressão ‘carta linguística’. Não nos deteremos nessas distinções, mais informações podem ser conferidas em Teles e Ribeiro (2006) e Teles (2018).

<sup>2</sup> “Nas últimas décadas, o ressurgimento de projetos de atlas internacionais levou a um forte (e contínuo) interesse pela metodologia cartográfica. Acima de tudo, o manuseio computacional de mapas e atlas precisa ser visto como um foco atual de atenção” (TL -= Tradução Livre)

documentam a língua falada em aproximadamente 300 localidades da Região Sul do Brasil.

A equipe do Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007) utilizou o SPDGL com adaptações para armazenamento dos dados e elaboração das 434 cartas, aproximadamente. Além desses dois atlas não se tem notícias sobre outros projetos que se beneficiaram com a essa ferramenta<sup>3</sup>.

Outro atlas linguístico que também utilizou um sistema computacional na cartografia a partir de um BD é o Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM (Cruz, 2004), com a ferramenta intitulada MVL - Mapeamento da Variação Linguística. Cruz (2013), autora do ALAM, aponta que o sistema computacional:

[...] permitiu inserir todos os conceitos, dados dos informantes, das localidades e todas as respostas obtidas, tanto fonéticas quanto lexicais. Para o QFF, o programa oferece um conjunto de símbolos do IPA, e, para o QSL, uma simbologia de caracteres, selecionados da fonte Wingdings 2. Todos os dados foram inseridos no programa computacional, obtendo se um total de 18.324 registros (Cruz, 2013, p. 1).

O MVL também foi utilizado na elaboração do Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara (Lima, 2006) que resultou em 302 cartas. Há de se observar, porém, que a o MVL não pôde ser utilizado em outros trabalhos, com o passar dos anos<sup>4</sup>, ficando restrito a essas duas pesquisas.

Fato incontestável é que, seja com o SPDGL (Vieira, 1998) seja com o MVL (Cruz, 2004), o uso de uma ferramenta computacional propicia o tratamento de um grande volume de dados e cartografia linguística de modo célere e de grande quantidade o que viabiliza a construção de um atlas linguístico em menor tempo e menor investimento financeiro na construção de cada cartograma.

Os atlas linguísticos desenvolvidos no Brasil, estaduais ou de pequeno domínio, cada qual utiliza diferentes metodologias para elaboração de suas cartas. Um dos modos de elaborar cartas linguísticas dos atlas é com o uso de planilhas de Excel para organização das respostas que posteriormente são computadas e repassadas para imagem de mapas com os recursos de ferramentas de edição gráfica (CorelDRAW, Photoshop, entre outras).

Porém, a partir de 2014, com o lançamento e disponibilização do SGVCLin - Software de Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (Romano; Seabra; Oliveira, 2014), os autores de atlas linguísticos e os estudiosos em Geolinguística têm contado com uma ferramenta computacional que trouxe grande contribuição à área.

Este texto objetiva trazer as possíveis contribuições do SGVCLin para uma proposta de recartografiação de cartas linguísticas do ALERS, conforme alguns resultados encontrados por Robbin (2022) e apresenta recartografiação de cartas fonéticas do Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994) e do Atlas Linguístico do Paraná II (Altino (2007, 2012), apresentadas em Altino (2022). Dessa forma, o artigo apresenta também soluções possíveis para banco de dados já cartografados em atlas linguísticos divulgado e/ou publicados e também possibilidades de aproveitamento de dados ainda inéditos de atlas estaduais e de pequeno domínio, uma vez, que parte do material coletado para um atlas, por vezes, não é possível de ser organizado em um único

<sup>3</sup> O SPDGL foi concebido com um código de programação fechado e, por infortúnios da equipe, com o falecimento do único programador da ferramenta, o que inviabilizou o uso e divulgação do programa.

<sup>4</sup> Segundo relatos da autora do atlas, o impedimento para divulgação do sistema se deu pelo fato de que não é possível mais fazer atualização da ferramenta, pois devido à linguagem de programação utilizada para implementar a ferramenta à época, Delphi, hoje já ultrapassada por linguagens mais modernas.

volume.

Nas seções seguintes são apresentados: (i) a ferramenta SGVCLin e as principais vantagens no uso do software em relação ao uso de programas de design gráfico; (ii) o ALERS e as cartas linguísticas recartografadas por Robbin (2022), bem como as possibilidades de análise e interpretação que o SGVCLin apresenta e em seguida (iii) as cartas apresentadas por Altino (2022) acerca de uma reapresentação e análise do material do ALPR. Por fim são apresentadas algumas considerações finais seguidas das referências bibliográficas mencionadas no texto.

## **1. SGVCLin**

O Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas - SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014) é uma ferramenta desktop gratuita e de código aberto que foi concebida no âmbito da tese de doutorado de Romano (2015). Apresenta uma interface simples e intuitiva que permite ao usuário a estruturação de um banco de dados geolinguístico para armazenamento das respostas dos informantes aos questionários.

Uma vez alimentada a base com dados dos informantes (idade, sexo, escolaridade entre outras variáveis) e respectivas as respostas às perguntas do Questionário (Fonético-fonológico, Semântico-lexical e/ou Morfossintático), que necessariamente estão atreladas à rede de pontos de um mapa base previamente preparado em um Sistema de Informação Geográfica (SIG), os dados poderão ser consultados em relatórios de frequência e cartas linguísticas.

O SGVCLin, dentre outras funcionalidades, permite gerar 4 (quatro) tipos de cartas: (i) as monodimensionais (apenas diatópica), com gráficos de pizza ou histogramas em cada ponto, (ii) cartas bidimensionais (diatópica-diastrática, diatópica-diassexual, diatópica-diageracional etc, conforme variáveis controladas pelo estudo), em que se encontram em cada ponto linguístico dois gráficos para as variantes de uma questão, (iii) pluridimensionais (estando representadas nos mapas mais de duas dimensões da variação linguística), essas cartas são representadas em quadrantes e cada parte do quadrante representa o perfil de um informante e (iv) cartas-síntese, denominadas como cartas de arealidade (simples ou gradual), nas quais são possíveis de observar linhas de isoglossas ou heteroglossas no território estudado.

Inúmeros são os trabalhos que já utilizaram a ferramenta depois de Romano (2015), e o seu uso está amplamente difundido no cenário brasileiro. Já utilizaram o SGVCLin para a cartografia, por exemplo, o Atlas Linguístico Topoestático e Topodinâmico do Tocantins (Silva, 2018) e inúmeros atlas de pequeno domínio, como o de Maia (2018), Marques (2018), Lima (2019), Ribeiro (2021), Câmara (2023) entre outros.

Diante do exposto, atesta-se o potencial da ferramenta para cartografia de atlas linguísticos já desenvolvidos. Nesse sentido, nas próximas seções são apresentados dois trabalhos que utilizaram o SGVCLin como forma de recartografar cartas do ALERS (Robbin, 2022) e cartas linguísticas constantes do ALPR (Altino, 2022).

## **2. O ALERS E A RECARTOGRAFAÇÃO DE ALGUMAS CARTAS SEMÂNTICO-LEXICAIS**

A dissertação de mestrado de Robbin (2022), defendida no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, teve como intuito fazer um estudo

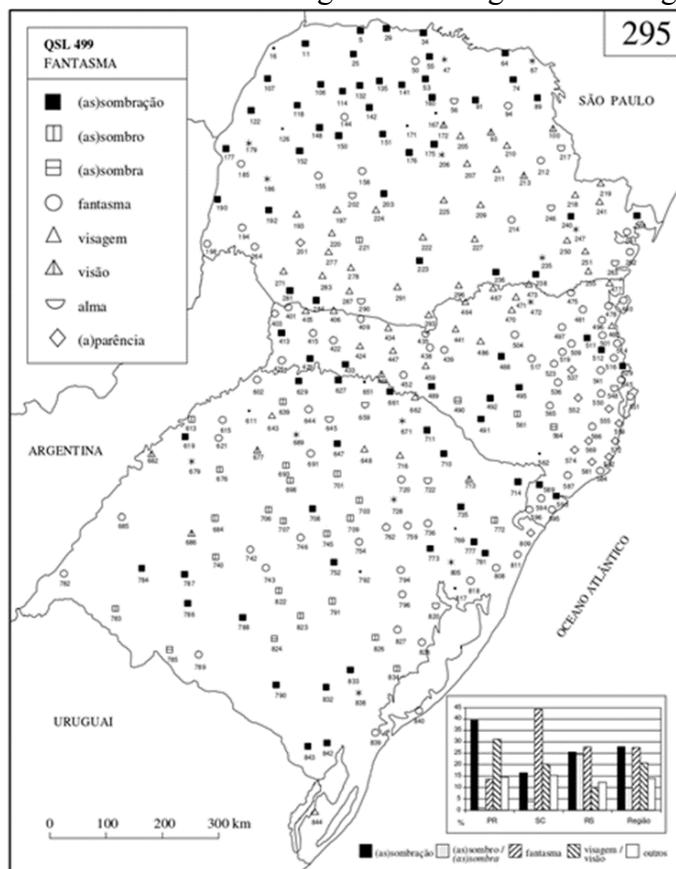
léxico-semântico de quatro cartas linguísticas do Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (Altenhofen; Klassmann, 2011). Para tanto, o autor selecionou as cartas 284, denominações para *bater as botas (morrer)*; a carta 295, nomes para *fantasma*; a carta 290, variantes lexicais para *sepultura*; e a carta 291, vocábulos para *jazigo*, analisando as denominações ligadas à ideia de “morte” sob a perspectiva léxico-semântica e geolinguística. Para tanto, propôs uma recartografiação das cartas utilizando o SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014) como proposta metodológica e visualização dos dados.

**2.1. Um exemplo de recartografiação do ALERS: *Entre sepulturas e jazigos de visagens que bateram as botas: principais contribuições à discussão da variação lexical no Sul do Brasil* (Robbin, 2022)**

Para além do embasamento teórico-metodológico da pesquisa de Robbin (2022) e suas contribuições com análise e aproveitamento de *corpus* geolinguístico publicado no atlas, que por vezes não são explorados pelos estudiosos em geolinguística, um dos resultados obtidos pela pesquisa foi a elaboração de três tipos de cartas linguísticas utilizando a ferramenta supramencionada.

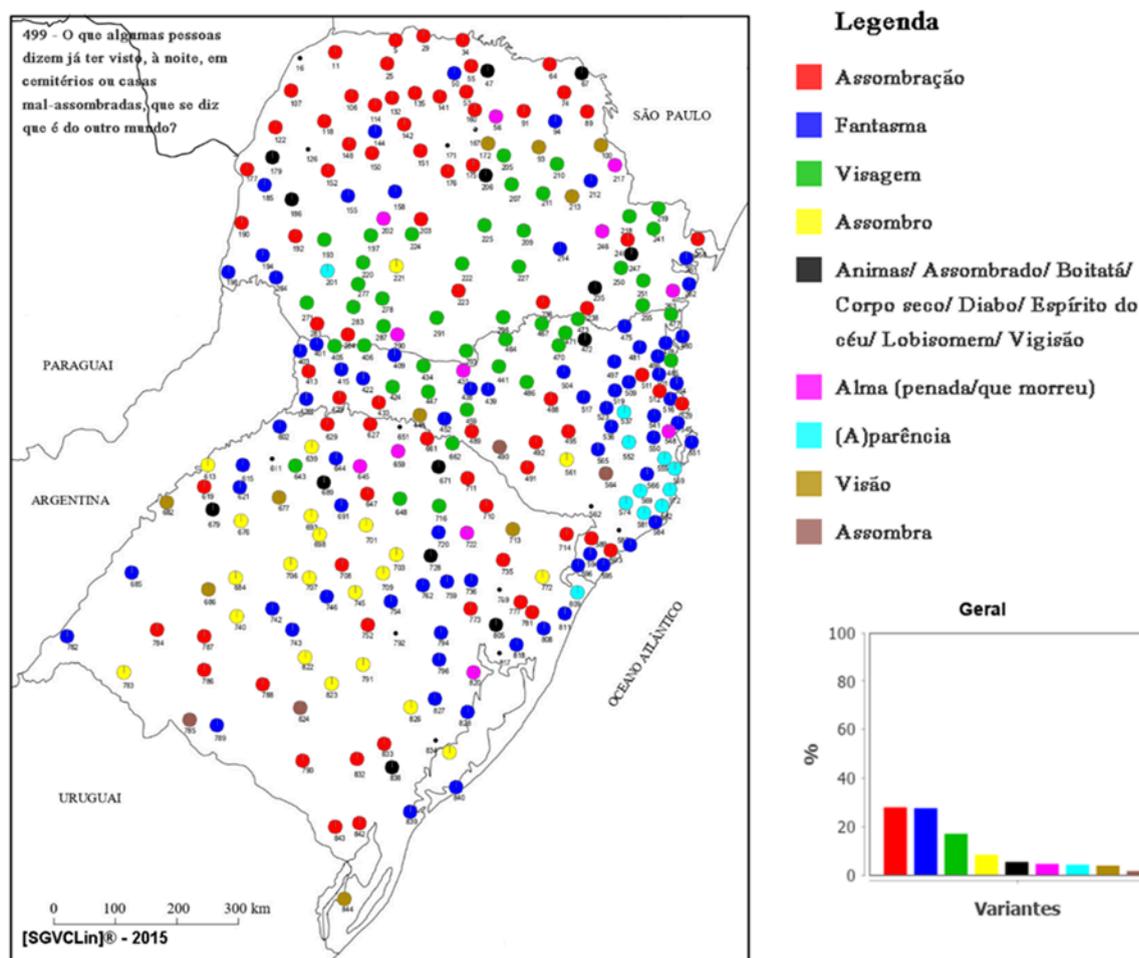
Primeiramente, as cartas monodimensionais, as quais permitem visualizar a distribuição dos itens lexicais em cada ponto de inquérito em mapas mondimensionais que oferecem uma percepção mais geral da distribuição espacial das formas linguísticas analisadas (apenas diatópica). Apresenta-se na Figura 1 a carta 284 do ALERS - denominações para *fantasma*, uma das cartas estudadas por Robbin (2022) seguida da Figura 2 com a proposta de recartografiação dessa carta com uso de cores.

**Figura 1 – Carta 499 do Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil.**



Fonte: ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011, p. 681).

Figura 2 – Proposta de recartografia da carta 499 do ALERS no SGVCLin  
QSL 499 - ALERS



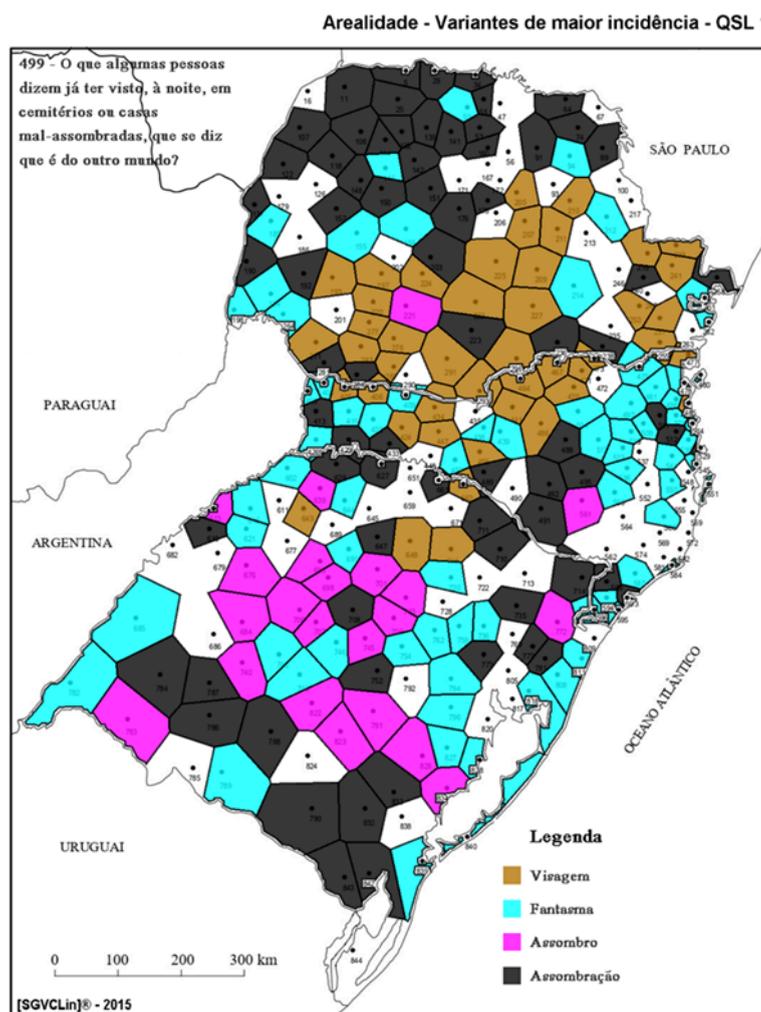
Fonte: Robbin (2022, p. 86).

No ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011), Figura 1, observam-se cartas monocromáticas (preto e branco) e com símbolos para representação de cada uma das variantes lexicais. Com uso da ferramenta SGVCLin, a utilizando-se a mesma carta base e os dados representados na carta original e seu detalhamento constantes das notas da carta, foi possível elaborar cartas coloridas evidenciando a variação de forma mais nítida visualmente. Como exemplo, pode-se observar a variante *assombro* na cor amarela, distribuída principalmente no estado do Rio Grande do Sul e o item lexical *visagem* no centro-sul do Paraná e norte catarinense, de forma mais generalizante, dentre outros aspectos.

Robbin (2022) explica essas ocorrências considerando traços histórico-sociais bem como análise léxico-semânticas em seu estudo. Dando continuidade à apresentação dos dados, além dessa primeira carta, também foram elaboradas cartas de arealidade<sup>5</sup>, configuradas enquanto cartas-síntese, com a proposta de resumir a distribuição espacial dos dados. O resultado deste recorte fica nítido na Figura 3.

<sup>5</sup> Para Romano (2015, p. 136), o termo arealidade é um “neologismo utilizado para denominar a distribuição espacial ou areal de uma forma linguística”

**Figura 3** – Carta de arealidade das variantes para a questão 199 do QSL



**Fonte:** Robbin (2022, p. 96).

Esta carta de arealidade permite uma visualização da distribuição de quatro itens lexicais mais produtivos no *corpus* do ALERS. Para elaboração desse tipo de carta, a ferramenta considera os “Diagramas de Voronoi”<sup>6</sup>, utilizando o conceito de interponto para estabelecimento do limite geográfico de uma forma em relação a outra<sup>7</sup>.

A variante lexical *visagem*, por exemplo, está no centro-sul do Paraná (cor marrom), região também conhecida como Paraná Antigo, por onde passaram os antigos tropeiros no processo de povoamento do sul do Brasil durante os anos mais profícuos do tropeirismo (Robbin, 2022; Romano, 2015).

<sup>6</sup> “Polígonos construídos de tal forma que as bordas de polígonos adjacentes encontram-se equidistantes de seus respectivos pontos geradores” (Rezende; Almeida; Nobre, 2000).

<sup>7</sup> Segundo Romano (2015, p 146-147), foram considerados aspectos do método dialectométrico no que se refere ao estabelecimento de um interponto entre duas localidades, que, segundo Goebel (1981 e 1983), “constitui-se um ponto médio dos segmentos que une cada par de pontos” (Goebel *apud* Altino, 2012, p. 823). Vale lembrar que não foi empregado o método dialectométrico na elaboração de cartas de arealidade do SGVCLin, nem este foi o objetivo, apenas foi utilizado o conceito de interponto para o desenvolvimento de um algoritmo de reconhecimento da área de abrangência de determinada variante.

Além disso, a carta de arealidade permite visualizar os desdobramentos dessa territorialização linguística, pois é evidente que *visagem* ultrapassa as fronteiras políticas estabelecidas convencionalmente, sendo frequente na região do Planalto Norte Catarinense, também conhecida pela passagem dos tropeiros.

Em contrapartida, esta carta também permite o entendimento da distribuição do item *assombração* em grande parte do norte do Paraná, região conhecida como Paraná Moderno, ocupado mais recentemente por levas de migrantes mineiro-paulistas (Martins, 1941). Os reflexos de duas rotas migratórias em duas cronologias distintas fica aparente por conta da proposta de recartografiação desses dados, visto que as técnicas de elaboração de novos tipos de mapas permite a visualização de detalhes que na cartografia original do ALERS ficavam menos nítidos. No ALERS, por exemplo, são poucas as cartas com o traçados de isoglossas<sup>8</sup>.

Além disso, as cartas de arealidade também permitem indicar mais precisamente a área pela qual se expande cada item lexical no que se refere à produtividade. Essa visualização pode ser mais refinada por meio das cartas de arealidade gradual, um outro tipo de mapa linguístico sendo possível verificar a produtividade de cada item no território. Esse tipo de carta, também apresentada por Robbin (2022), será explorado na próxima seção, a partir do estudo de Altino (2022), acerca do Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994; Altino, 2007) em comparação com dados inéditos do ALiB, no que tange ao alçamento de vogais mediais.

### **3. O ALPR E A RECARTOGRAFAÇÃO DE ALGUMAS CARTAS PROPOSTAS POR ALTINO (2022) – ABORDAGEM DE CARTAS FONÉTICAS**

Altino (2022) investiga a existência de áreas fonéticas no estado do Paraná a partir do *corpus* do ALPR (Atlas Linguístico do Paraná), comparando esses dados com os do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) e do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil). No estudo, a verificação das isófonas se dá com base na observação do fenômeno fonético alçamento da vogal média posterior em posição postônica final, em questões como: 06 (ponte), 33 (eclipse), 59 (árvore), 135 (vaga-lume), 179 (bigode), 180 (cavanhaque), 213 (tuberculose) e 272 (alfaiate).

A Figura 4 é um exemplo de carta fonética do ALPR (Aguilera, 1994) do vocábulo *tuberculose*. Seguindo a metodologia dos atlas do Primeiro Momento da Geolinguística Brasileira (Romano, 2013), Aguilera (1994) traz uma carta analítica com a transcrição fonética de cada informante por ponto linguístico.

---

<sup>8</sup> “Uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 13).

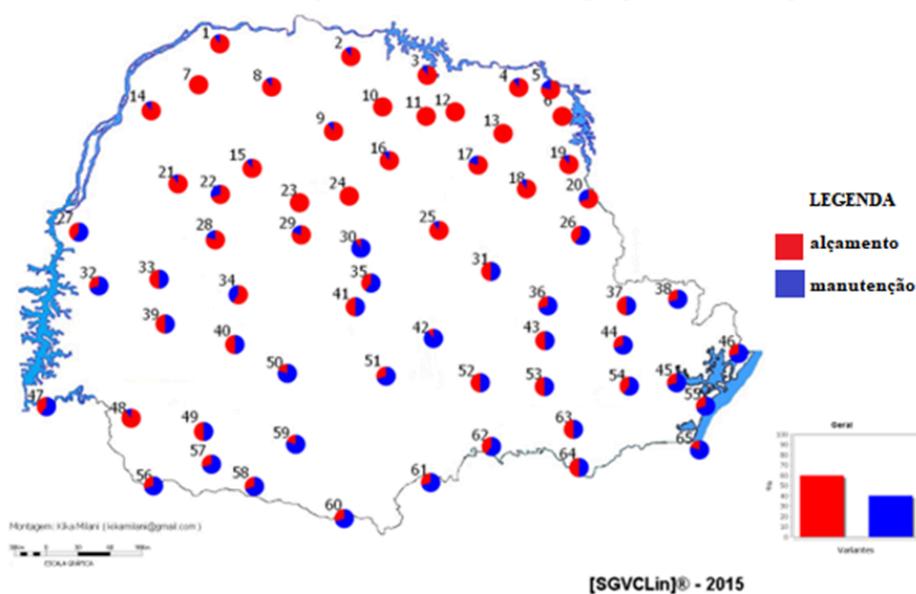
**Figura 4** – Exemplo de carta fonética analítica no ALPR



Fonte: ALPR (Aguilera, 1994, p. 219).

A partir dos dados dessa e de outras cartas analíticas do ALPR, Altino (2022) apresenta um novo tipo de representação a partir de cores e ítems na legenda para a variável estudada com a produtividade pontual das variantes (Figura 5).

**Figura 5** – Carta monodimensional de produtividade com agrupamento de questões do ALPR



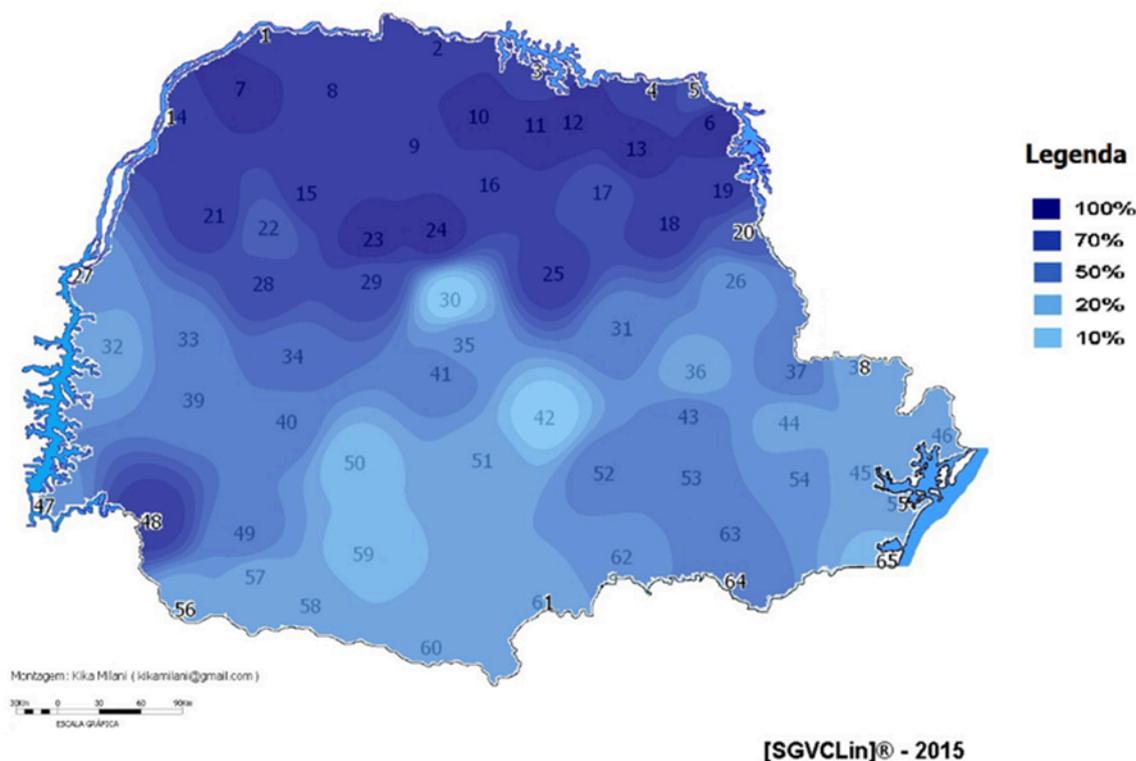
Fonte: Altino (2022, p. 150)

Na interpretação dos resultados, Altino (2022) retoma a tese de Mercer (1992), *Áreas fonéticas do Paraná*, e conclui a existência de uma linha de isófona que separa duas grandes áreas a partir desse fenômeno linguístico. Apresenta cartas de produtividade pontual com agrupamento dessas questões, conforme se observa na Figura 4.

Para as questões do ALPR selecionadas para o estudo por Altino (2022), observa-se tendência ao alçamento na região norte do Paraná e manutenção da vogal média [e] e [o] no centro-sul do estado. A partir do SGVCLin, foi possível obter o quantitativo dos dados com agrupamento das variantes de cada questão em uma única carta linguística. Conforme a autora, no sul do Paraná, predomina a manutenção da vogal média posterior em posição postônica final. Na porção norte e noroeste do estado, impera o alçamento dessa vogal no referido contexto de uso.

A autora se vale da recartografia dos dados do ALPR, utilizando-se do SGVCLin, no tocante à distribuição do fenômeno, elaborando, contudo outros tipos de cartas linguísticas, como as de arealidade gradual, em que se observa a gradiência das ocorrências em diferentes tons de azul (Figura 6).

**Figura 6** – Arealidade gradual do alçamento da vogal média anterior em posição postônica final



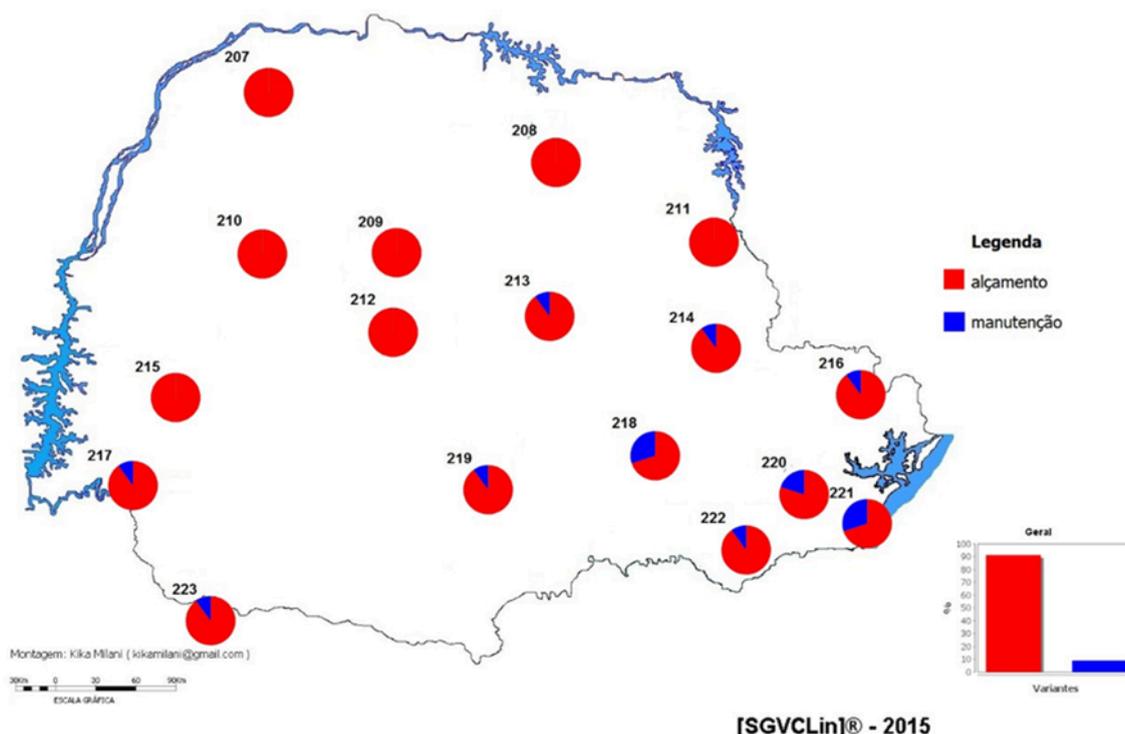
**Fonte:** Altino (2022, p. 152)

A técnica da utilização gradual de cores para marcar a realização de um fenômeno linguístico se mostra bastante produtiva nesse e em outros contextos de pesquisas dialetais. A visualização nítida da arealidade gradual de uma variável permite que se faça constatações a respeito da distribuição da variável no contexto espacial e, por meio disso, relacione-se à formação histórico-linguística da região estudada, verificando-se a influência de fatores como idade da localidade, rotas de ocupação, grupos étnicos presentes, contato linguístico e intervareial na realização da variável linguística. Altino (2022, p. 152) ressalta que “quanto mais escuro o tom

azul estiver no mapa, maior será o índice de realização do alçamento”, demonstrando-se a gradualidade do fenômeno no em posição postônica final. No norte paranaense, verifica-se a predominância do alçamento; no sul, observa-se a prevalência da manutenção da referida vogal, no que tange aos dados do ALPR (Aguilera, 1994; Altino, 2007).

No mesmo artigo, a autora compara esses dados com os dados do ALiB (ainda inéditos). Embora a rede de ponto do ALiB seja menos densa, composta por 17 localidade, a autora chega ao seguinte resultado, a partir de uma cartografia linguística experimental com o auxílio da ferramenta SGVCLin (Figura 7):

**Figura 7** – Realização variável da vogal média anterior em posição postônica final - dados do ALiB - Paraná.



**Fonte:** Altino (2022, p.154)

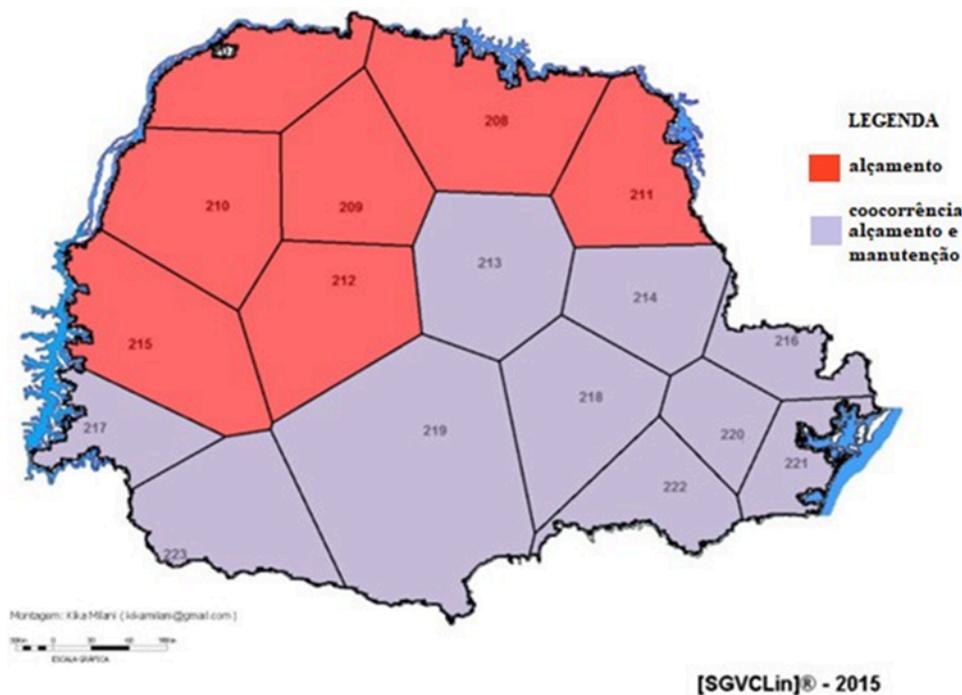
Essa carta linguística, em comparação aos dados do ALPR, revela um enfraquecimento na incidência da vogal média anterior em posição postônica final, inclusive no sul do estado do Paraná, onde, segundo os dados do ALPR, coletados a mais de uma década antes do ALiB, apontavam para a predominância da manutenção desse fenômeno. Altino (2022) destaca que os dados do ALiB na região foram coletados entre 2001 e 2003, enquanto os do ALPR, entre 1985 e 1989. Em três localidades do sul do estado, Imbituva (ponto 218), Curitiba (ponto 220) e Morretes (ponto 221) prevalece a manutenção do fenômeno linguístico, frente ao crescente alçamento da vogal por toda a área do Paraná.

A autora aponta o povoamento das localidades como uma possível causa para a manutenção do fenômeno nas três localidades ao sul do estado, sendo esta ocupação advinda de levas contínuas de imigrantes russos, ucranianos, poloneses, alemães e italianos.

A manutenção do traço remete, segundo Altino (2022), à valorização da identidade étnica local, como forma de reforçar o pertencimento linguístico-cultural nessas localidades. Com o

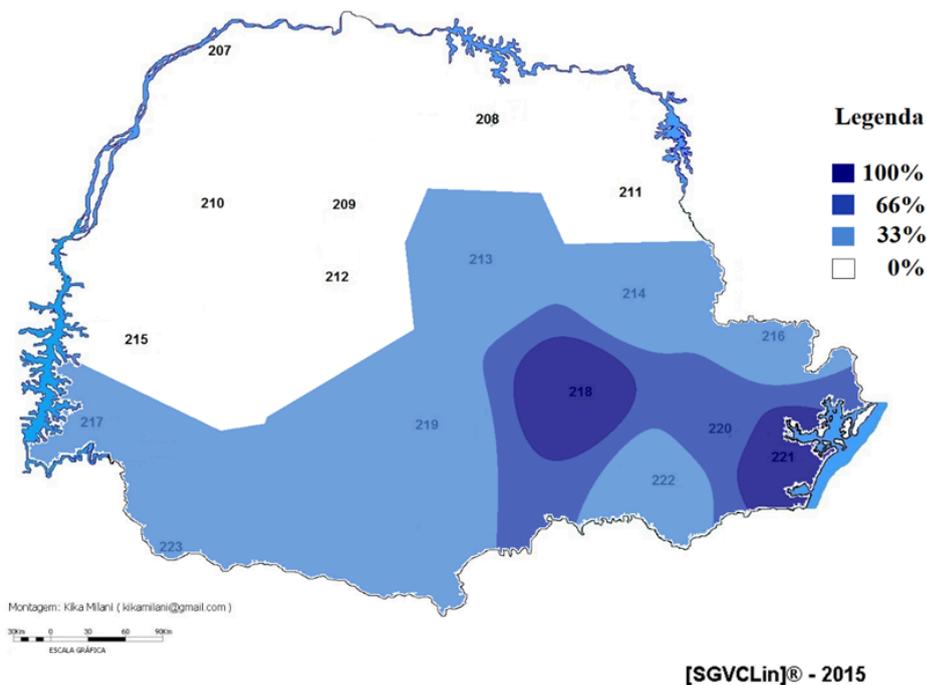
avanço do alçamento para o restante do estado do Paraná, pode-se sintetizar a situação linguística atual do fenômeno estudado, da seguinte maneira (Figura 8 e Figura 9):

**Figura 8** – Arealidade da vogal média anterior em posição postônica final – dados do ALiB - inéditos



Fonte: Altino (2022, p. 156)

**Figura 9** – Arealidade gradual da vogal média anterior em posição postônica final – dados do ALiB – inéditos



Fonte: Altino (2022, p. 156).

Quanto à Figura 7, observa-se. Nesse contexto, a predominância do alçamento a norte e noroeste do estado do Paraná, ao passo que há a coexistência entre o alçamento e a manutenção na porção centro-sul do estado. Do ponto de vista da cartogafação dos dados, pode-se observar duas áreas nitidamente bem definidas e calculadas a partir do SGVCLin, que, considerando o traçado de áreas com uso de ferramentas de edição de imagens talvez não seriam tão precisas.

A Figura 8, por sua vez, traz um detalhamento quanto à área de incidência em que é frequente a manutenção da vogal medial em posição pós-tônica não final. Além do mais, a autora apresenta dados quantitativos com frequência de cada uma das variantes fonéticas contabilizadas a partir dos dados inseridos no software.

Isso também pode revelar uma relação importante, se traçado um paralelo com os dados lexicais apresentados em Robbin (2022), que, conforme referido na seção anterior, identificou duas grandes áreas lexicais no Paraná, uma ao norte e noroeste do estado, oriunda da colonização recente por migrantes paulistas e mineiros, já no século XX, e outra mais ao centro-sul do Paraná, advinda da ocupação antiga, por parte principalmente de tropeiros, conforme Romano (2015).

Há, nesse sentido, uma coincidência entre a isoléxica traçada por Robbin (2022) e a isófono traçada por Altino (2022), reafirmando, por meio da recartogafação linguística, a existência de um falar característico do Paraná Antigo (centro-sul do estado), de caráter mais conservador, revelando a manutenção da identidade étnica de imigrantes europeus e da colonização tropeira, e outro falar mais ao norte e noroeste do estado, influenciado pela rota migratória recente, devido ao processo de industrialização e urbanização de tais localidades, principalmente pela ocupação de paulista e mineiros em processo migratórios mais recentes (Romano, 2015).

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A elaboração de atlas linguísticos no território brasileiro tem dado saltos quanti-qualitativos (Romano, 2020). Avanços do ponto de vista dos procedimentos metodológicos para elaboração das cartas linguísticas podem ser observados a partir de estudos que exploram o rico material disponibilizado em atlas já publicados como o ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011) e o ALPR (Aguilera, 1994) ou ainda inéditos com ALPR II (Altino, 2007) e ALiB.

Um exemplo de avanço nesse sentido é o Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014), amplamente utilizado no cenário nacional em trabalhos geolinguísticos e mesmo em atlas estaduais e de pequeno domínio. Além do mais, a contribuição do SGVCLin se dá, sobremaneira, a partir da possibilidade de encontrar particularidades ainda não descritas pela apresentação e análise prévia/original dos primeiros atlas.

Este artigo descreveu, previamente, dois estudos que possibilitaram uma releitura de *corpora* geolinguísticos com uma ferramenta de visualização de mapas atreladas a um BD, um sobre uma variável fonética (Altino, 2022) e outro sobre variação de natureza lexical (Robbin, 2022). Contudo, nos limites deste texto, ambos os estudos apresentam detalhes que não foram possíveis serem apresentados.

Por fim, o presente texto realça o grande ganho advindo da utilização de ferramentas como o SGVCLin em estudos geolinguísticos, o que amplia as possibilidades de representação cartográfica de *corpora*, e a apresentação dos dados de forma mais atrativa para interpretação de resultados cartografados nos atlas. Novas ferramentas de cartografia linguística, portando, podem auxiliar, não só os atuais atlas em desenvolvimento, mas também a apresentação de atlas do Primeiro Momento da Geolinguística no Brasil (Romano, 2013).

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. *Atlas Linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. S. *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas semântico-lexicais*, 2. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2011.
- ALTINO, F.C. Variação linguística no Paraná: vogais médias no ALPR e ALIB/PR. *Working Papers em Linguística*, v. 23, p. 144-167, 2022.
- ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná: comentários sobre a dialectometria*. v. 1. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 41, n. 2, p. 818-832, 2012.
- ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná*. v. 2. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- CÂMARA, A P. *Atlas semântico-lexical de Balneário Barra do Sul*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.
- CRUZ, M. L. de C. *Atlas lingüístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração*. 2013. Disponível em: [https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07\\_6.pdf](https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/07_6.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.
- CRUZ, M. L. de C. *Atlas linguístico do Amazonas*. 2004. 2 v. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- KOCH, W.; ALTENHOFEN, C.; KLASSMANN, M. S. *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2011.
- LAMELI, A. Linguistic atlases: traditional and modern. In: AUER, P.; SCHMIDT, J. (ed.), *Language and Space: Theories and methods*. v. 1. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 567-592.
- LIMA, L. G. de. *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFeBG*. 2 v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2006.
- LIMA, F. dos S. *Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- MAIA, E. G. *Atlas linguístico do sul amazonenses – ALSAM*. 2018. 3v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- MARTINS, R. *Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1941.
- MARQUES, M. J.B. *Atlas Semântico-lexical de Colider - MT*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Mato Grosso, Sinop. 2018.

OLIVEIRA, D. P. de. *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

REZENDE, F. A. V. S.; ALMEIDA, R. M. V.; NOBRE, F. F. Diagramas de Voronoi para a definição de áreas de abrangência de hospitais públicos no Município do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 109-118, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/NpGjN34vCr9KDkXYpvZmkbt/#:~:text=Os%20Diagramas%20de%20Voronoi%20constituem,de%20seus%20respectivos%20pontos%20geradores>. Acesso: 26 set. 2023.

RIBEIRO, T. L. *Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná – ALINPIPR*. 2021. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

ROBBIN, D.A.M. *Entre sepulturas e jazigos de visagens que bateram as botas: descrição geolinguística e semântico-lexical de cartas do ALERS*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (org.). *Contribuições de estudos geolinguístico para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1. p. 11-39.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2015. (v. 1; v. 2: Cartas linguísticas e relatórios).

ROMANO, V. P. Balanço Crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388/13897>. Acesso em: 27 set. 2023.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, p. 119-151, 2014.

SILVA, G. A. da. *Atlas Linguístico Topoestático-Topodinâmico do Tocantins*. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

TELES, A. R. T. F. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. Tese. Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TELES, A. R.; RIBEIRO, S. C. S. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 207-228.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (org.). *Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes*. Bruxelles, 1998. p. 367-409.

VIEIRA, H. G. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolinguísticos. In: AGUILERA, V. de A. *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 207-224.